

Economia Solidária Como Resistência E Sobrevivência: Reflexos Nas Comunidades Quilombola De Custaneira/Tronco E Canabrava

Solidary Economy As Resistance And Survival: Reflections In The Quilombola Communities Of Custaneira / Tronco And Canabrava

- ¹Lucas de Moura Veloso
²Janaína Alvarenga Aragão
³Luciano Silva Figueirêdo
⁴Maria Ruth Rodrigues de Araújo Rocha
⁵Jailson bezerra de Araújo
⁶Jeisy dos Santos Holanda
⁷Virna Rodrigues
⁸Evandro Alberto de Sousa
⁹Maria Vieira de Lima Saintrain
¹⁰Patrícia Maria Santos Batista
¹¹Verônica Lourdes Lima Batista Maia
¹²Elvis Gomes Marques Filho
¹³Ingrid Medeiros Lustosa Diniz Ribeiro
¹⁴Carla LediKorndörfer

RESUMO

A economia solidária surgiu como forma de resistência e sobrevivência da classe menos favorecida aos princípios capitalistas que tem como objetivo principal o lucro. Assim, o presente estudo objetiva analisar de que maneira a economia solidária está presente nas Comunidades Quilombola de Custaneira/Tronco e Canabrava, assim como saber se ela auxilia para o desenvolvimento da localidade. Utilizou-se o método de pesquisa qualitativa, usado como ferramenta a entrevista e questionário semiestruturado, juntamente com a técnica de snow-ball para escolher os entrevistados, ademais, utilizou-se da observação do participante para melhor detalhar a pesquisa e análise dos conteúdos para tratar os dados. Conclui-se que as comunidades quilombola de Custaneira/Tronco e Canabrava praticam diversas atividades relacionadas à economia solidária, e

¹Estudante do curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Piauí

² Professora da Universidade Estadual do Piauí

³ Professor da Universidade Estadual do Piauí

⁴Estudante do curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Piauí

⁵Estudante do curso de Ciências Contábeis da Universidade Estadual do Piauí

⁶ Estudante do Curso de Administração da Universidade Estadual do Piauí

⁷Estudante do Curso de Direito da Universidade Estadual do Piauí

⁸Professor da Universidade Estadual do Piauí

⁹Professora da Universidade de Fortaleza

¹⁰Professora da Universidade Federal do Piauí

¹¹Professora da Universidade Federal do Piauí

¹²Professor da Universidade Estadual do Piauí

¹³Professora da Universidade Estadual do Piauí

¹⁴Professora da Universidade Estadual do Piauí

elas auxiliam tanto no desenvolvimento da comunidade como também na manutenção da cultura e superação das dificuldades.

Palavras-Chave: *Comunidades Tradicionais; Contabilidade Familiar; Economia Coletiva; Modelo econômico; Modo de Produção.*

ABSTRACT

The solidarity economy emerged as a form of resistance and expansion of the classless favorable capitalist principle that have as their main objective or profit. Thus, this study aims to analyze the way in which the solidarity economy is present in the quilombola communities of Custaneira / Tronco and Canabrava, as well as to know if it is an aid to the development of the locality. Use the qualitative research method, used as an interview tool and semi-structured questionnaire, including snowball technique to choose respondents, in addition, use participant observation to obtain better results in research and content analysis to treat the data. He concluded that the quilombola communities of Custaneira / Tronco and Canabrava practice various activities related to the solidarity economy, and they help both in the development of the community and also in maintaining culture and overcoming difficulties.

Key words: Traditional Communities; Family Accounting; Collective Economy; Economic model; Production Mode.

Date of Submission: 30-04-2021

Date of Acceptance: 14-05-2021

I. INTRODUÇÃO

Desde quando o homem começou a se organizar em grupos, até os dias atuais já surgiram diversos modelos de sociedade, um deles é o capitalismo que segundo Carvalho et al. (2018, p.108), “A economia capitalista visa o lucro. Transforma os membros de uma sociedade em seres individualistas, sem se importar com os seus desdobramentos. Impõe novos conhecimentos que oprimem os conhecimentos locais”. Porém, surgiram novos modelos que vão de encontro aos princípios capitalistas, como a economia solidária que visa o crescimento do indivíduo junto com a coletividade, pregando princípios da autogestão e da solidariedade com o grupo em vez da competição. Assim como disse Singer (2002, p.10) “A economia solidária é outro modo de produção, cujos princípios básicos são a propriedade coletiva ou associada do capital e o direito à liberdade individual”.

A economia solidária surgiu como forma de resistência e sobrevivência da classe menos favorecida aos princípios capitalistas que tem como objetivo principal o lucro. Porém, nos dias atuais, como disse Singer (2002), a economia solidária é mais que uma simples resposta ao sistema capitalista, é uma forma superior, que além de garantir que os povos que a adotarem possam se desenvolver economicamente, também possuem uma vida melhor, até mesmo no relacionamento com a família, no ambiente de trabalho, na autoconfiança, pois participam dos processos de decisões. Assim, é também uma forma de organização do meio social.

Essa forma de organização social baseada na solidariedade é bem comum em comunidades tradicionais que de acordo com o Decreto nº 6.040 são:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição (BRASIL, 2007).

Assim, a forma como se dá à organização social das comunidades tradicionais, são um meio propício para o exercício da economia solidária e da autogestão, em especial das comunidades quilombolas que são também um símbolo de resistência. Como disse Furtado, Pedroza & Alves “Para os quilombolas, pensar em território é considerar um pedaço de terra para usufruto coletivo, como uma necessidade cultural e política de se distinguirem, de se diferenciarem de outras comunidades e decidirem seu próprio destino”(2014, p.111).

Dessa forma, as comunidades quilombolas vão ganhando mais espaço, e através da solidariedade fortalecendo laços entre os membros. Para Andrade (2016, p.120) “Um dos aspectos mais importantes dessas territorialidades quilombolas refere-se às formas de uso comum dos recursos naturais, que pressupõem cooperação simples no processo produtivo da vida cotidiana, e íntimos vínculos de parentesco e aliança”.

Nas comunidades quilombola de Custaneira/Tronco e Canabrava não é diferente, a economia solidária está presente tanto no modo de organização da sociedade como nas atividades desenvolvidas pela mesma. Como disse Aragão (2014), a comunidade vive principalmente da agricultura e criação de animais, como também de outras atividades que desenvolve, como o artesanato, e a produção de garrafadas etc.

A prática da economia solidária é algo que vem diminuindo ao longo dos tempos devido uma série de dificuldades e até mesmo pela força que o sistema capitalista exerce sobre a sociedade. Assim foi necessário

estudar como acontece tal prática solidária atualmente e fomentar nas famílias o desejo de continuar sendo resistência e mantendo essa cultura solidária que aos poucos vem se perdendo. Ademais, através desse trabalho acadêmico, outros estudiosos poderão se basear para dar continuidade numa área que apesar de sua grande importância ainda é pouco estudada. Diante da importância de se estudar a economia solidária nas comunidades quilombola, deseja-se saber como as comunidades conseguem resistir ao sistema capitalista e viver diante de uma realidade de protocooperação, mantendo sua cultura viva através das gerações. Assim, tem-se como objetivo analisar de que maneira a economia solidária está presente nas Comunidades Quilombola de Custaneira/Tronco e Canabrava, assim como saber se ela auxilia para o desenvolvimento da localidade.

II. METODOLOGIA

O referido trabalho foi realizado nas comunidades quilombolas de Custaneira/Tronco e Canabrava localizadas no município de Paquetá, no interior do Piauí. Que segundo o IBGE (2019) no ano de 1994, deixou de ser apenas um povoado da cidade Picos e foi emancipado como município. Paquetá é uma cidade pequena da região nordeste que conta com 4.147 habitantes segundo o último censo.

Para que os objetivos da pesquisa fossem alcançados, foi trabalhado a partir do método qualitativo, pois atendeu melhor as necessidades da pesquisa. Visto que segundo Gibbs (2009, p.8) a pesquisa qualitativa é aquela que busca entender e descrever os fenômenos sociais a partir da vivência, do estudo do objeto, através de análises de experiências, examinando interações e comunicações ou até mesmo investigando documentos.

A coleta de dados foi realizada por partes, inicialmente a equipe visitou a comunidade para apresentar o projeto de pesquisa, explicando o que seria realizado, tudo que foi referenciado pela comunidade durante a apresentação da proposta de trabalho foi levado em consideração e foram feitas as alterações necessárias, após o aval da comunidade o estudo foi iniciado.

Usou-se técnicas qualitativas de pesquisa, a observação participante, bola de neve e história oral, com aplicação de uma entrevista semiestruturada com um questionário contendo perguntas abertas referentes à temática estudada, visto que, foram os meios adequados para atender os objetivos da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas na data e no local eleito pelos entrevistados, e gravadas por meio de uma câmera de vídeo para obter boas respostas que foram analisadas em sua íntegra, durante o tratamento dos dados. Para a escolha dos entrevistados a presente pesquisa seguiu o modelo bola de neve, que segundo WHA (1994, apud Baldin & Munhoz, 2011, p. 5):

Essa técnica é uma forma de amostra não probabilística, utilizadas em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto.

Assim, foi escolhido uma representante em cada comunidade para se iniciar as entrevistas, onde esse indicou as próximas pessoas a serem entrevistadas, ao final de cada entrevista o entrevistado indicava um próximo a ser ouvido pelo entrevistador, formando uma rede de conhecimentos mais ampla, foi adotado um critério onde os nomes que mais se repetiram foram os selecionados para as entrevistas, ademais, as entrevistas findaram quando as respostas começaram a se repetir, entendendo que o conteúdo buscado foi esgotado.

Durante as entrevistas, além das respostas, realizou-se a observação participante, ponto essencial na pesquisa, pois foi a partir dela que alguns fatos que não foram explicitamente expressos pela fala do entrevistado puderam ser percebidos. Assim como diz Angrosino (2009, p.74) “Observação é o ato de perceber um fenômeno, muitas vezes com instrumentos e registra-los com propósito científico”. Um desses instrumentos de observação é o diário de campo que será utilizado durante as entrevistas para registrar as observações.

Após a obtenção dos dados realizou-se a análise, organização e categorização, e para que isso acontecesse da melhor forma foi considerado o método da análise do conteúdo que segundo Bardin (2016, p.37) “a análise de conteúdos é o conjunto de técnicas de análise de comunicações”. Assim, foi preciso usar habilidades tanto de interpretar, como também de saber a semântica das palavras. Além disso, como trabalhou-se com comunidades quilombolas que geralmente possuem palavras próprias de seu cotidiano, foi necessário ter conhecimento do que significava cada palavra para que não fosse feita uma análise equivocada. A análise do conteúdo não é algo fixo, ela tem uma maior fluidez, é como um leque de apetrechos e isso exigiu uma leitura mais profunda do conteúdo para que se conseguissem conclusões mais eficientes.

A presente pesquisa foi devidamente cadastrada na Plataforma Brasil e analisado pelo Comitê de ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Piauí, conforme as resoluções do Conselho Nacional de Saúde, como a 196/96 e suas complementares, entre elas a 466/2012. O estudo só se iniciou após aprovação do comitê. Para aplicação da pesquisa nas comunidades foi construído um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que foi lido para o entrevistado no início da coleta de dados, onde após o aceite do participante uma cópia ficou com ele e a outra com o entrevistador. Assim, foi priorizado um olhar de não julgamento, de respeito e singularidade, fazendo que o trabalho fosse importante não só para o pesquisador mais também para as comunidades quilombolas.

III. RESULTADO E DISCUSSÃO

Para melhor trabalhar os dados da pesquisa, foram divididos em Quatro grandes grupos: Caracterização da comunidade; Atividades econômicas; desenvolvimento e fortalecimento das comunidades; Economia Solidária diante das dificuldades.

3.1 Caracterização das comunidades

As comunidades de Custaneira/Tronco e Canabrava estão localizadas no interior do município de Paquetá do Piauí. Contam com aproximadamente 117 casas, 267 pessoas divididas em 118 famílias. Podemos perceber que do total de entrevistados há uma semelhança na participação de homens e mulheres, sendo uma pequena maioria do sexo feminino e estes estão entre a faixa etária de idade de 20 a 60 anos. Esses dados são bem representados nos trabalhos de Barroso, Melo e Guimarães (2015), onde dos entrevistados cerca de 46,4% eram homens e 53,6% eram mulheres.

Além de não existir uma divisão em relação ao sexo na participação das pessoas, isso também pode ser percebido nos trabalhos que a comunidade desenvolve. Onde os entrevistados relataram que todos trabalham juntos e não tem distinção de trabalhos de acordo com o sexo. E isso está expresso na fala dos entrevistados que se pronunciaram da seguinte forma:

Todo mundo aqui faz a mesma função só mais no tempo da mandioca que quem rapa a mandioca na ruma são mais as mulheres, mas os homens também participam. (E2)

Todo mundo faz o mesmo, todo mundo vai no grupo ali, uma mão lava a outra na verdade um vai ajudando o outro de acordo com a necessidade que tá exigindo no momento. (E3)

Acho que é assim, nesse período seco os homens vai trabalhar nas palhas e nem todas as mulheres vai a maioria fica em casa, é difícil ter uma mulher pra ir, e as vezes quando vai algumas, vai pra cozinhar, tem umas que trabalha mesmo na palha vai estender, vai servir de barraqueira e as que não vai fica em casa. (E5)

Os entrevistados reforçam que todos trabalham unidos, sem distinção de trabalho por sexo, e que em períodos de estiagem geralmente os homens saem da comunidade em busca de trabalhos, alguns chegam a passar três meses fora de suas casas. Mas algumas mulheres também vão e realizam os mesmos trabalhos que os homens, assim como destaca Mota e Dias (2016), que de acordo com os dados coletados de seus entrevistados todos trabalham na agricultura de subsistência, sem distinção de sexo, assim como o que acontece na comunidade em estudo.

OS dados revelaram que a maioria da comunidade está entre adolescentes e adultos (18- 49 anos) e os demais estão entre idosos (50 a 70) anos. Sendo que os idosos atuam ativamente dentro da comunidade. Considerando o estado civil a maior parte das pessoas ativas na economia solidária da comunidade é casada enquanto a menor parte é representada pelo grupo das viúvas. Equivalendo com os dados obtidos por Sales, Albulquerque e Calvalcante (2009) onde cerca de 75% da comunidade quilombola eram casados.

Em relação aos graus de escolaridade foi possível perceber que a grande maioria apresenta o primeiro grau incompleto, enquanto uma minoria tem o ensino superior completo, ademais, vale frisar que ainda há um alto índice de pessoas analfabetas. Para Silva, Freitas, Santos e Souto (2001) a maior parte da população da comunidade quilombola Curiaú no Macapá possuem apenas o primeiro grau incompleto, tendo resultados semelhantes com o presente trabalho. Mas para Sales, Neves e Farias (2009) em que cerca de 41,2% já completaram o primeiro grau.

As comunidades quilombolas são representadas pela religião de matriz africana, o nosso estudo apontou que grande parte dos entrevistados se auto definiram como na grande maioria praticantes da umbanda e alguns da religião católica.

3.2 Atividades Econômicas

A agricultura de subsistência é uma prática ligada às comunidades quilombolas, bem como as diferentes relações com a terra, nas comunidades Custaneira, Tronco e Canabrava. observamos como principal fonte da economia a agricultura de subsistência. Na comunidade há alguns projetos de incentivo a agricultura familiar e que todos trabalham de forma coletiva para o bem comum. De acordo com a Lei Nº 11.947, DE 16 DE JUNHO DE 2009 que trata sobre o direito das comunidades fornecerem alimentação para as escolas como uma forma de incentivo a agricultura familiar.

O apoio ao desenvolvimento sustentável, com incentivos para a aquisição de gêneros alimentícios diversificados, produzidos em âmbito local e preferencialmente pela agricultura familiar e pelos empreendedores familiares rurais, priorizando as comunidades tradicionais indígenas e de remanescentes de quilombos (Brasil, 2009).

Dentre as principais atividades econômicas que acontecem dentro das comunidades são a plantação do milho, feijão, da mandioca, criação de animais, alguns tipos de artesanatos, garrafadas, lambedores, remédios medicinais etc. Isso expressa uma riqueza econômica existente dentro das comunidades, onde eles conseguem produzir com o que a terra oferece.

Uma das principais culturas cultivadas nas comunidades é a mandioca que possui várias finalidades. Tanto pode ser feita a farinhada, onde a mandioca vai passar por todo um processo até chegar ao produto final que é a farinha e a goma. Toda a comunidade participa do processo de produção, e trabalham em conjunto para que se consiga alcançar o resultado final. Ao final da farinhada eles fazem os “beju”, e o cascalho da mandioca é usado como ração para os animais. Nas comunidades eles fazem apenas para o consumo, ou troca, devido aos longos períodos de estiagem a produção da mandioca não se desenvolve tanto, mas em anos que há um excedente da produção eles realizam a venda do produto.

Outra cultura produzida nas comunidades é o milho e o feijão, que geralmente são cultivadas no inverno, entre os meses de janeiro a abril. Geralmente o feijão é usado para o consumo e o milho é usado como ração para os animais. Na Comunidade de Custaneira há uma casa de sementes, onde cada família pega uma certa quantidade para realizar o plantio e ao final da colheita devolve a mesma quantidade para repor o estoque.

E toda a atividade que é realizada na roça é feita em coletivo, assim como disse o Entrevistado7 “Na roça a gente trabalha também no coletivo, arada coletivo, planta coletivo, zela coletivo e colhe no coletivo”. Além das atividades de plantio, há outra fonte de renda essencial para a economia da comunidade que é a produção dos remédios caseiros. Nas comunidades é feito as garrafadas naturais, produzidas da casca da jurema, os lambedores, banhos, entre outros remédios que além de servirem para proporcionar a saúde e bem estar das comunidades também geram renda. Isso também foi expresso nos trabalhos de Caetano & Neves (2015), onde as práticas coletivas de trabalho são mantidas nas comunidades pesquisadas até os dias atuais.

Dentro das comunidades a maioria das famílias criam galinhas e alguns porcos para o consumo e às vezes vendem. Mas há pessoas que trabalham em conjunto fazendo a criação de ovinos e bovinos, e além do consumo próprio também vendem para abate. É importante enfatizar que na comunidade cada um cria seus animais, mas quando um precisa pode pegar o do outro, e isso é um discurso que está presente na fala dos entrevistados:

Aqui a gente trabalha junto e tudo é de todos cada quem na sua casa ele cria é galinha, cria porco, cria animais, criação de bode, ovelhas e o outro também cria mas quando o outro precisa vender se o dele não tiver pronto pra vender mas se o do vizinho tem um que tá pronto ele vende o do vizinho e se remidia e depois o outro quando precisar pega o dele e assim vai, então eu entendo que dentro da comunidade nada é de ninguém e tudo é de todos. (E1)

Dessa maneira, todos partilham do que possuem, fazendo que a comunidade se desenvolva através da união. Pode se perceber ainda outra potência dentro das comunidades que é o artesanato, onde são produzidas bolsas, esteiras, colares, guias, brincos, chapéus etc. Na comunidade de Canabrava já está um pouco mais desenvolvido, mas haverá um curso para as comunidades de Custaneira e Tronco para que as pessoas interessadas possam aprimorar suas técnicas.

As atividades são feitas coletivamente e há a participação da maioria da comunidade, Os entrevistados relatam participar da maioria dos processos econômicos que acontecem na comunidade, assim como pode ser percebido no discurso de E1 e E9:

Eu dentro da comunidade eu tô em quase todas, tô na questão dos remédios naturais, tô na questão da cultura, que a cultura tem gerado ocupação e renda para a comunidade, uma das cultura do reisado ele faz ronda e cada casa que ele canta que ele apresenta ele recebe uma quantidade de doação e aquilo ali divide entre os participantes, cada quem tem ali uma quantidade conforme o que recebeu e é dividido entre tudim, e eu faço parte do reisado, do artesanato e sempre diante das atividades que participo fora, mas ainda dou conta de ir pra roça com o pessoal fazer minhas atividades da roça.(E1)

A gente faz é plantar mermo, é milho, é feijão, eu trabalho é de roça mesmo eu nunca deixei o trabalho de roça, desde eu pequeninha que meu pai me ensinou e eu não deixo não, eu dou valor a roça mais que a casa, na roça eu alimpo, planto, colho, quando é pra plantar o legume tá comigo mesmo.(E9)

Isso mostra a satisfação que as pessoas sentem fazendo seus trabalhos, apesar das dificuldades, todos gostam das atividades exercidas dentro da comunidade e ainda os frutos do trabalho é dividido entre as pessoas que participam dele, como no reisado que o valor arrecadado é dividido entre todos os participantes. Da mesma forma que diz Williams (2011) essa satisfação em exercer suas atividades vem da construção de si próprio, pois através de seu trabalho ocorre a construção de sua história.

3.3 Desenvolvimento e Fortalecimento das comunidades

A economia solidária é planejada não a partir dos princípios do capital, mas sim do trabalho, sendo o conjunto de atividade humana que visa o desenvolvimento e organização da comunidade através de ações individuais e coletivas de troca, produção, distribuição de produtos (ARROYO & SCHUCH, 2006). O entendimento da comunidade sobre o que vem a ser economia solidária é algo que se assemelha ao conceito e fica bem expresso nas falas de E3, E4, E9 e E11:

No meu ver economia solidária o que é meu serve para o grupo, é um bem comum, a gente vai é de acordo com que a outra pessoa tá precisando eu posso lhe servir e vice e versa dependendo da ocasião e de cada necessidade.(E3)

Solidária é ajudar o próximo, aqui a gente sempre ajuda um o outro, se tem alguém precisando a gente tá ali pra ajudar da uma feira, no que você puder, por exemplo se ela tá precisando de um dinheiro se você tem como ajuda você ajuda, se tá precisando fazer um serviço ali não faz sozinho tá precisando de ajuda a gente ajuda.(E4)

É todo mundo trabalhar junto.(E9)

É uma renda que ela é dividida entre as famílias.(E11)

Apesar dos entrevistados terem relatado conceitos diferentes, ambos se complementam, onde a economia solidária é tudo aquilo que eles fazem que gera uma renda ou um produto, e isso pode ser dividido entre as famílias, além disso reforçam a importância da solidariedade, onde sempre que algum precisa a comunidade esta junto para ajudar. Reforçando o que diz Singer (2000) que a economia solidária vai além de um simples modelo econômico, ela passa a ser um modelo social que os povos adotam para desenvolver a o indivíduo junto com a comunidade.

As práticas solidárias são um modelo econômico e social que se iniciaram nas comunidades quilombolas devido a necessidade, sendo algo que é repassado de geração em geração. Ela teve início dentro dos quilombos desde a sua formação, assim como fica bem relatado na fala de E1, E3 e E7:

Os nossos mais velhos sempre fizeram tudo junto [...] se nosso povo tinha um porco gordo no chiqueiro, no dia que matava aquele porco ele convidava toda a comunidade para almoçar junto, e depois tinha a vizinhança, cada quem levava um pedaço da carne, levava um pedaço de coró, e um litro de gurdura, e levava torres também, e de tudo que tinha almoçava junto e ainda era feita a vizinhança, eles chamava de vizinhança e toda vida vivemos assim, um vizinhando o outro, se matasse uma criação de bode, de ovelha e não fosse o almoço coletivo, mas matava aquela criação e dividia um pedaço pra cada casa.(E1)

Essa prática solidária se iniciou desde os nossos antepassados dos nossos negros que vinham das senzala, por que não tinham dinheiro ou capital vamos dizer assim aí ia fazendo a troca, se eu tinha um animal e o outro tinha um arroz um feijão eu dava aquele animal por um feijão, trocava uma galinha por isso, ia fazendo a troca de acordo com a necessidade do outro.(E3)

Isso dentro do quilombo vieram dos nossos antepassados quando tinha uma pessoa bem no fundo do poço como diz a história, aquele que tinha mais um pouco vamos puxar fulano, trazia pra cá, mesmo com a condição pouca, vamos dividir isso com ele pra ele ter um dinherin pra comprar um café, comprar um açúcar. Às vezes dava até mesmo os cereais: ó levar pra fulano. Dividindo com ele pra melhorar a situação dele né, acho que isso é muito importante dentro da comunidade essa partilha, é uma partilha que se faz.(E7)

De acordo com Filho &Laville (2004, p.21) “as razões do surgimento e desenvolvimento do fenômeno relacionam-se em geral, ao contexto de crise econômica mais ampla que afeta as diferentes economias do planeta”. Dentro das comunidades quilombolas de Custaneira/Tronco e Canabrava a economia solidária surgiu também da necessidade, das condições que os povos se encontravam e foi através da força coletiva que encontram a solução para resistir e sobreviver as dificuldades.

O modo como às comunidades foram se organizando, internalizando essa maneira de ser solidário, de fazer da força coletiva um meio para desenvolver a comunidade foi fazendo com que a economia solidária se desenvolvesse. Sendo que as práticas solidárias auxiliam tanto no desenvolvimento da comunidade, como ajudam a fortalecer a cultura, quando os entrevistados foram questionados sobre o auxílio da economia solidária para o desenvolvimento das comunidades e manutenção da cultura, se pronunciaram:

É por conta que eu entendo que essa economia ela vem fortalecendo a cultura de nosso povo vem também unindo os nossos jovem no sentido de que eles possam viver uma realidade diferente da que o mundo vem educando, viver mais a questão do humano, do companheirismo, do pacerismo, aquela coisa mesmo de mão a mão que unidos seremos mais fortes.(E1)

Isso fortalece o grupo, fortalece a comunidade, fortalece é cada vez a mais a união ajuda mais a servir de espelho para outras comunidades e isso em retorno é gratificante demais porque a gente vê outras comunidades se espelhando naquilo que a gente faz em prática todo dia e faz bem.Ela pode ajudar basicamente em estímulo, ajudar a se eu precisar da cultura eu sei que todo mundo vai estar rente vai estar presente ali unido não vai ser só um pra fazer determinada coisa é praticar a cultura, ajudar em algum desenvolvimento da comunidade.(E3)

Ajuda, porque na questão da farinha, se a gente for pagar a mão-de-obra não tem como pagar, porque o produto que a gente tira só da pra comer, por que se você for vender não tem como pagar a mão de obra aí todos entra em mutirão e quando termina tá todo mundo quite, um ajuda o outro.(E11)

Através da economia solidária as comunidades conseguem se desenvolver melhor, pois através da união os trabalhos ficam mais fáceis e a cultura consegue ser mantida, visto que, há uma harmonia entre as pessoas, fazendo com que o convívio seja prazeroso. A agricultura familiar também ajuda muito, assim como nos resultados de Silva et al. (2017) as maneiras de economia solidária nos territórios quilombolas possibilita o

resgate a cultura, a prática da autogestão, a emancipação da cidadania e consequentemente o fortalecimento da comunidade.

3.4 Economia solidária diante das dificuldades

Diante do modelo capitalista a economia solidária acaba enfrentando diversas dificuldades, uma delas é conseguir ser passada para as gerações futuras da mesma forma que acontecia. Dentro das comunidades quilombolas a prática coletiva é bem desenvolvida, mas de acordo com E2, E11 e E13, há algumas dificuldades em passar esses costumes de geração em geração:

Nas comunidades ainda a gente vê ainda mas agora tá difícil, é uma cultura que está se perdendo, porque isso aí é uma cultura, a pessoa ir trabalhar em conjunto em grupo é uma cultura e tá se perdendo, o pessoal já nasce na cidade, e vai se perdendo a cultura.(E2)

Tem por que as vezes a juventude ela não se preocupa em aprender o que os nossos antepassados deixou tem muito essa dificuldade.(E11)

Tem dificuldade porque sempre a gente foi criado diferente, eu não criei meu filho como meu pai me criou, eu pejei, e meus filho não tá criando os filho dela como eu criei eles. (E13)

Dentro das comunidades quilombolas há uma grande participação da juventude, mas nem sempre os mais novos tem o interesse em aprender e viver da mesma forma que os seus antepassados. É possível perceber que a forma de criação muda de geração em geração, mas mesmo assim a comunidade tenta trazer os jovens para dentro dos movimentos, superar as dificuldades e fazer com que a cultura e a economia solidária continuem sendo praticada.

As mudanças ocorridas na sociedade geral acabam influenciando na forma de viver das pessoas, nos dias atuais a população está cada vez mais capitalista, cada vez mais individual, competitiva. Mas dentro das comunidades quilombolas eles têm uma forma própria de organização social, e quando os entrevistados foram questionado como eles se mantêm diante do capitalismo, se pronunciaram da seguinte maneira:

Rapaz, as vezes tem as dificuldades mas é como disse todo mundo vai é plantar junto, colher junto, mas cada pessoa tem seu pedaço separado aí a pessoa que vai ajudando o outro.(E2)

Não até o momento não vemos isso na nossa comunidade de ter tem aquelas pessoas de dizer eu vou só pra mim, mas é muito contado porque a maior parte da nossa comunidade é o que ele ter ser no coletivo com os irmão.(E7)

É possível perceber que o sistema capitalista não influencia tanto nas comunidades quilombolas, elas buscam meios para conseguir sobreviver sem necessitar estar vivendo baseado na competição, no individualismo na busca só para si próprio. E quando há alguém querendo ser individualista, ou trabalhar sozinho a comunidade conversa com a pessoa e tenta contornar a situação. Os entrevistados ainda relataram que em tempos de crise eles conseguem usar algumas técnicas para contorna-la:

Partilhando de tudo que tem dentro da comunidade e celebrando com alegria, com festa, com tambor aquele momento, porque uma crise ela vem no meio de um povo justamente pra dividir pra desunir e quando agente enfrenta essa crise com a cabeça erguida entendendo que aquele momento ele possa ter uma duração, mas passa não vai viver a vida toda então a gente consegue ter equilíbrio e enfrentar com a confiança que o futuro vai ser bem diferente então eu vejo que o que a gente tem que fazer é aproveitar no tempo e fazer tudo que o tempo oferecer, não perca a questão das chuva e produzir, e você produzindo, você tendo o produto, embora você não conseguindo comercializar mas você tem, e você teno tá tranquilo, e aprender a conviver com o que o tempo oferecer.(E1)

É assim, se na casa do irmão meu tiver uma coisa e eu tiver outra se na minha casa for mais e na dele for menos e na do outro não tem nada nós concorda e pega um pouco e compartilha. Quando eles tem a mesma coisa faz isso também. (E12)

Quando as comunidades fazem a partilha e praticam a economia solidária eles conseguem superar as dificuldades, enfrentar as crises e sobreviver melhor. É realizando a agricultura familiar, aproveitando o que a terra oferece, e fazendo tudo com alegria, de cabeça erguida, tendo a certeza que a crise passará e fortalecerá ainda mais a comunidade. Assim como diz Scopinho (2007, p.5) “Economicamente, a cooperação configura-se como uma estratégia de proteção dos trabalhadores contra as adversidades historicamente vivenciadas pela pequena produção rural”.

Todas as pessoas estão satisfeitas da forma que as comunidades de Custaneira Tronco e Canabrava estão sendo Organizadas. Todos batalham juntos visando o bem comum, Assim como relata o E3:

De acordo com a comunidade vai se organizando, vai se fortalecendo isso motiva os jovens, eu sou bem novo, sou um dos mais novo da comunidade e hoje já faço parte da presidência é da associação já tô no meio do movimento, já canto uma lezeira, já faço algo que meus antepassados foi deixando pra meus avós, pra meu pai aí vai passando e a gente não pode deixar perder o que foi repassado com tanto orgulho com tanto amor, que é a nossa cultura é o nosso jeito de viver é a nossa solidariedade um com o outro e assim vamos vivendo.(E3)

Isso mostra a importância que a organização econômica e social tem dentro da comunidade, ela faz que as pessoas se desenvolvam e junto com elas a comunidade também cresce. E os entrevistados relataram terem alguns sonhos que eles ainda desejam ver se concretizando dentro de sua comunidade:

Um poço, porque a gente tem um poço aqui na comunidade aí somos o que umas 72 famílias aí quando da nesse tempo o nível da água diminuiu muito aí a gente fica com dificuldade na questão da água, mas se tivesse um poço pra gente trabalhar na questão da horta comunitária era muito bom.(E11)

Se eu pudesse era assim um jeito dum galpão pra botar a juventude os adolescente pra praticar umas coisas mais de artesanato, de fé, de vontade, porque cada qual tendo o seu lugar é tudo mais bem resolvido.(E12)

Rapaz o desejo assim porque na parte da saúde era pra ter um postinho pro doutor encostar e vim, pra gente não se deslocar de madrugada e sair correndo, e tendo uma coisa assim perto era melhor.(E14)

Os anseios que as comunidades têm são coisas simples, mas que ajudariam a comunidade a se desenvolver muito. Eles continuam lutando e batalhando em busca de condições de vida melhor, uma das formas de resistência são as associações que há dentro das comunidades, onde todos participam e auxiliam na tomada de decisão, praticando um dos princípios da economia solidária que é a autogestão. De acordo com E2 e E3, é muito importante participar das associações e ajudar nas decisões da comunidade:

A pessoa vai aprendendo cada vez mais o conhecimento, vai desenvolvendo a própria comunidade mesmo, participando das reuniões não só aqui como fora e a gente vai trazendo conhecimento pra dentro da comunidade e repassando.(E2)

Uma cabeça pensa bem, duas pensa melhor, três já melhor ainda, e quanto mais gente pensando junto melhor fica é as coisas melhor acontece o que tem de acontecer na comunidade e o que tem de ser feito.(E3)

Na teoria da economia solidária expressa por Singer (2002), ela surge como forma de resposta ao sistema capitalista, auxiliando a comunidade a se desenvolver baseada nos princípios da coletividade, da autogestão. Mas nos resultados de Wellen (2012), que faz uma crítica a economia solidária tratando que nem mesmo ela é capaz de superar aos estilos de vida capitalista, relatando que ela é capaz de mudar costumes da sociedade, mas não realizar uma transformação social radical.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A economia solidária é uma potência praticada pelas comunidades quilombolas de Custaneira/Tronco e Canabrava, que além de trazer renda e produtividade para as famílias, e através dela que a comunidade se desenvolve. No momento em que se realiza a partilha, quando um ajuda o outro, todos unidos, pode perceber que a coletividade ganha força, e consegue superar todas as dificuldades.

As comunidades exercem diversas atividades solidárias, entre elas as principais estão relacionadas à natureza, onde eles aproveitam as oportunidades oferecidas pelo tempo, produzindo medicamentos naturais, criando animais, fazendo artesanato, cultivando plantas etc. E a forma como a economia solidária acontece auxilia tanto no desenvolvimento da comunidade como também no fortalecimento da cultura, onde as práticas podem ser passadas e vivenciadas de geração em geração mesmo diante das dificuldades impostas pelo sistema capitalista.

É de fundamental importância que a prática da economia solidária continue acontecendo dentro das comunidades, e que ela possa se fortalecer ainda mais. Pois é através dela que ocorre a construção do indivíduo como cidadão, além disso, todos conseguem superar as crises fazendo a solidariedade e a comunidade tem mais harmonia devido a forma coletiva de viver. Assim, pode-se concluir que além de uma forma de resistência as diferentes pressões exercidas pela sociedade a economia solidária também é uma forma de sobreviver melhor.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1]. ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [2]. ANDRADE, A. L. M. **Mulheres quilombolas: Movimento, Lideranças e Identidade**. Cameta-PA, 2016.
- [3]. ARAGÃO, Janaina Alvarenga. **Acesso de Saúde na Atenção Básica Prestada aos Quilombolas, Piauí**. Porto Alegre, 2014.
- [4]. ARROYO, J. C. T.; SCHUCH, F. C. **Economia Popular e Solidária: A Alavanca Para um Desenvolvimento Sustentável**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.
- [5]. BRASIL. **Decreto 6.040 de 07 de fevereiro de 2007**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6040.htm. Acesso em: 12 de março de 2019.
- [6]. Brasil. **Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009**. Disponível em : http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11947.htm. Acesso em 14 de agosto de 2019.

- [7]. BALDIN, N.; MUNHOZ, E. M. B. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a Técnica de Pesquisa Snowball (bola de neve). **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**.v. 27, 2011.
- [8]. Bardin, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- [9]. BARROSO, S. M.; MELO, A. P.; GUIMARÃES, M. D.C. Fatores associados à depressão: diferenças por sexo em moradores de comunidades quilombolas. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 18, n. 2, p. 503-514, 2015.
- [10]. CAETANO, E.; NEVES, C. E. P. Saberes e produção da vida: contradições, limites e possibilidades expressas pelos trabalhadores e trabalhadoras de comunidades tradicionais de Mato Grosso. **EducereetEducare**, Cascavel, v. 10, n. 19, p. 255-266, 2015. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/11662/8500>.
- [11]. CARVALHO, T. M. et al. A Economia Solidária como um Instrumento de giro Decolonial do saber Econômico Capitalista. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**.v.12, n.3, 2018.
- [12]. FILHO, G. C. F.; LAVILLE, J. L. **Economia solidária: uma abordagem internacional**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004. 198 p.
- [13]. Furtado, M. B. Pedroza, R. L. & Alves, C.B. Cultura, Identidade e Subjetividade Quilombola: Leitura a Partir da Psicologia Cultural. **Psicologia & Sociedade**, p. 106–115, 2014.
- [14]. GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [15]. **IBGE, 2019, acesso em** <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pi/paqueta/historico> 16 de abril de 2019.
- [16]. MOTA, R. S.; DIAS, H. M. Quilombolas e recursos florestais medicinais no sul da Bahia, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 13, n. 2, 2016.
- [17]. SALES, G. P. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim-Areia-PB. **Revista de Biologia e ciências da terra**, n. 1, p. 31-36, 2009.
- [18]. SCOPINHO, R. A. Sobre Cooperação e Cooperativas Em Assentamentos Rurais. **Psicologia e Sociedade**; p.84-94, 2007.
- [19]. SILVA, et al. **Territórios Quilombolas e Economia Solidária: desafios e possibilidades**. Anais do VI CLAA, X CBA e V SEMDF, Brasília, v. 13, n. 1, 2017.
- [20]. SILVA, R. B. L. E; FREITAS, J. D. L; SANTOS, J. U. M. D; SOUTO, R. N. P. Caracterização agroecológica e socioeconômica dos moradores da comunidade quilombola do Curiaú, Macapá-AP, Brasil. **Biota Amazônia**, v. 3, n. 3, p. 113-138, 2013.
- [21]. SINGER, P. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.
- [22]. WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- [23]. Wellen, H. **Para a Crítica da Economia Solidária**. São Paulo: Outras Expressões, 2012.

Lucas de Moura Veloso, et. al. "Economia Solidária Como Resistência E Sobrevivência: Reflexos Nas Comunidades Quilombola De Custaneira/Tronco E Canabrava." *IOSR Journal of Humanities and Social Science (IOSR-JHSS)*, 26(05), 2021, pp. 53-61.